

Analecta arqueológica

1. A ara do deus Tueraeus

Consta-me que, por esforços do ilustre médico da Vila da Feira, Dr. Aguiar Cardoso, a ara do deus lusitânico *Tueraeus*, cuja inscrição publiquei nas *Religiões*, vol. III, p. 612, foi colocada ao abrigo do tempo em um nicho aberto na parede da torre-de-menagem do castelo d'aquela vila, com uma chapa de ferro esmaltado em que um letreiro declara a significação da pedra.

Êste facto merece os maiores elogios, e oxalá tenha imitadores.

2. Pax in nummis¹

Tenho aqui à mão um elegante catálogo de 1:313 medalhas (isto é, medalhas propriamente ditas, *jetons* ou tésseiras, e moedas), respeitantes aos séc. xv–xx, intitulado *Pax in nummis* (Amsterdão 1913), que foi elaborado pelo conhecido, e há pouco falecido, negociante holandês J. Schulman².

Todas as medalhas se referem, como o título dá a entender, a tratados e negociações de paz, trégoas, alianças,—e aí figura Portugal por vezes. O catálogo é em parte reimpressão de uma obra publicada com idéntico título pelo mesmo autor; e contém numerosas gravuras.

Em tão abundante galeria histórico-artística, onde perpassam diante de nós imagens de príncipes, de princesas, de cardeais, figuras alegóricas, e emblemas de vária espécie, há uma medalha, n.º 375, em que se lê: YUSTITIA AC PACE EUROPAE REDDITA. É do séc. xvii, e re-

¹ (Êste artigo publiquei-o primeiro n-*A Guerra*, número único, Pôrto 1914, p. 2).

² J. Schulman faleceu êste ano em Amsterdão. Negociava em Numismática e Medalhística. Sabia muito do seu assunto, e tinha grande actividade. Pelo que toca a Portugal, arrebatou-lhe, por compra, importantes colecções, de que publicou catálogos especiais, entre os quais avulta o da colecção de Júdice dos Santos, em 3 volumes (1906). Fora de Portugal comprou as colecções portuguesas de Meili (Suíça) e Grogan (Inglaterra). Além dos catálogos que publicou das colecções portuguesas, faz referência em muitos outros a moedas e medalhas nossas. Mantive com êle relações epistolares durante alguns anos, e comprei-lhe moedas e medalhas para o Museu Etnológico. Ao seu obséquio devo a posse de um exemplar do catálogo de que falo no texto.

laciona-se com a paz de Ryswick, que se seguiu à guerra que a liga de Augsburgo moveu à França durante nove anos.

Esta medalha mais que todas me impressionou, porque também agora é de *paz e justiça* que nós necessitamos. Mas quando virão elas pôr termo às brutalidades, únicas na História, que no actual momento ensangüentam a Europa, aviltando a humanidade, e desmentindo a civilização?

3. Sêlo antigo

Um amigo enviou-me um decalque do sêlo ou sinete cuja cópia dou na figura adjunta (desenho de Saavedra Machado).



Ao centro há um círculo, e aí, ladeado de fitas onduladas, um escudo de base curva, com um ramúsculo dentro. Na orla: *S(êlo) (de) Frei Fernando*. Foi por estar em português o nome do possuidor, que interpretei o *S* como inicial de

s(êlo) e não de *s(igillum)*.

Da fôrma da letra poderá concluir-se que o sêlo é do sec. XV ou XIV.

J. L. DE V.

Azulejos datados

Êste trabalho sôbre «Azulejos datados» foi-me sugerido pela leitura do capítulo que tem êste mesmo título na *Cerâmica Portuguesa* de José Queiroz.

Foi José Queiroz — meu muito prezado mestre de Cerâmica —, um dos primeiros que tiveram ideia de aplicar em grande ao estudo dos azulejos, as informações que os próprios azulejos forneciam. À primeira vista, nada mais fácil; mas que de tempo decorrido antes de se compreender a lição valiosa que dos mesmos painéis vidrados advinha, e de se tentar a sua ordenação!

Antes de tudo era necessário estabelecer uma cronologia, e essa aparecia difficil, dada a nossa proverbial e secular incúria e a falta de monografias parcelares. Foram-se, porém, a pouco e pouco recolhendo datas; de ora em vez os azulejos falavam, contavam o ano em que haviam sido fabricados, acrescentavam às vezes à ordem de quem, por excepção apareciam assinados pelo pintor ou pelo dono da olaria. De tudo se foi tomando nota, e a *Cerâmica Portuguesa*